

Os estrangeiros em *Terra de Icamiaba*, de Abguar Bastos

The Foreigners in the *Land of Icamiaba*, by Abguar Bastos

Alice Giovana dos Santos Souza¹
Angélica Pinheiro²

Resumo: No século XIX, a Amazônia vivenciou um momento de ascensão econômica, em razão do comércio da borracha. As promessas de riqueza atraíram imigrantes de diferentes países, ampliando a circulação de pessoas e intensificando os fluxos sociais e culturais na região. Neste contexto, este estudo investiga como a presença estrangeira é representada em *Terra de Icamiaba* (1997), do autor paraense Abguar Bastos. Para tanto, analisa-se o perfil destas personagens segundo a categoria que ocupam e a relevância que desempenham. O suporte teórico sobre a imigração na Amazônia segue os estudos de Benchimol (2009), Conde-Silva (2019; 2024), Souza (2023), dentre outros. A propósito das teorias a respeito da construção das personagens, consideram-se os apontamentos de Bourneuf e Ouellet (1976), Brait (1985), Franco Junior (2009) e outros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico. Constatou-se que os estrangeiros no romance se distribuem em duas funções: personagens decorativas, que reforçam o realismo e se vinculam ao espaço narrativo, e personagens antagonistas, que funcionam como força opositora em torno da qual se estruturam o enredo e a trajetória do protagonista.

Palavras-chave: *Terra de Icamiaba*; Abguar Bastos; estrangeiros na Amazônia.

Abstract: In the 19th century, the Amazon experienced a period of economic ascendancy due to the rubber trade. The promise of wealth attracted immigrants from different countries, increasing the movement of people and intensifying social and cultural flows in the region. In this context, this present study investigates how the foreign presence is represented in *Terra de Icamiaba* (1997), by the author Abguar Bastos from Pará (a northern state of Brazil). For this purpose, the profile of these characters is analyzed according to the category they occupy and the significance they exert. The theoretical support on immigration in the Amazon follows the studies of Benchimol (2009), Conde-Silva (2019; 2024), Souza (2023), in addition to other authors. Regarding theories on character construction, the work considers the contributions of Bourneuf and Ouellet (1976), Brait (1985), Franco Junior (2009) and others. This study constitutes a qualitative and bibliographic research. It was found that foreigners in the novel are divided into two roles: decorative characters, who reinforce realism and are linked to the narrative space, and antagonistic characters, who function as an opposing force around which the plot and the protagonist's trajectory are structured.

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Bragança. Integrante do NESÁ (Núcleo de Estudos Sefarditas na Amazônia).

² Doutoranda em Letras – Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará (PPLSA/UFPA). Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (PROEX). Integrante do Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia (NESÁ/UFPA).

Keywords: Terra de Icamiba; Abguar Bastos; foreigners in the Amazon.

1 Introdução

Durante o século XIX, parte do mundo vivenciava o período da Revolução Industrial, assim como outros eventos históricos que juntos formavam um cenário de ascensão, progressos, revoltas e conquistas. Nesse contexto, na Amazônia, acontecia um momento de grande importância para o crescimento das cidades de Belém e de Manaus: o início do comércio da borracha. Desse modo, “a borracha foi tida como matéria milagrosa. Num mundo dominado por madeira, ferro, aço, couro e tecidos, a substância elástica que escorria das árvores da floresta tropical era inigualável” (Souza, 2023, p. 247). Assim, esse produto altamente lucrativo atraiu olhares de muitas direções, o que levou a um grande trânsito de pessoas na região. Veltman (2005, p. 36) afirma que:

o ciclo da borracha [...] desvendou uma nova Amazônia. Ao lado dos mitos, fantasias, lendas e sonhos de enriquecimento rápido inaugurou-se uma nova sociedade, opulenta para os padrões da época nas capitais e principais centros urbanos e ativa organizada expansionista nas imensas áreas de seringais que avançam do território paraense aos altos rios.

Essa “nova Amazônia” (Veltman, 2005, p. 36) era repleta de rostos estrangeiros, sendo eles japoneses, italianos, holandeses, judeus, árabes, dentre outros, vindos de diversas partes do mundo em busca de melhores condições de vida, ascensão financeira e liberdade. Ainda que muitos desses imigrantes não tenham alcançado seus objetivos iniciais, vários deles contribuíram para a formação social, econômica e cultural da Amazônia. Dentre tais grupos imigrantes, estão os judeus marroquinos que, em sua maioria, vinham até o território amazônico em busca de um lar, fugindo geralmente de perseguições. Por isso, muitos dos que na Amazônia chegaram “tentavam adaptar-se à realidade amazônica e lutavam para manter a sua tradição, religião, língua, hábitos e costumes” (Heller, 2010, p. 21).

Para Márcio Souza (2023, p. 29), “a região [amazônica] não é apenas uma geografia, e sua história é muito mais que um viveiro de criaturas exóticas de futuro incerto”. Em razão disso, deve-se considerar as pessoas que compõem esse ambiente, tanto as que já pertenciam a ele quanto as que vieram depois. Com isso, ao classificar o território amazônico, não basta somente considerar as geografias territoriais, mas também as geografias humanas. Por essa razão, Djalma Batista (1976) considera três divisões para a região, as quais ele denomina de primeira, segunda e terceira Amazônia. De acordo com tal classificação, considera-se também

a localização de seus habitantes. A primeira Amazônia é a das capitais, Belém e Manaus, a segunda é a das cidades do interior e a terceira engloba as regiões “onde vivem os extrativistas, agricultores, pescadores e garimpeiros, isto é, trabalhadores rurais em geral e suas numerosas famílias, que constituem, ainda, grande maioria” (Batista, 1976, p. 89).

Considerando essas classificações, pode-se perceber, à princípio, que o maior fluxo de imigrantes se voltou à Primeira Amazônia, região das capitais. Nesse viés, várias produções literárias, que apresentam a temática da imigração na Amazônia, têm como cenário uma ou mais dessas cidades. É o que ocorre em *Terra de Icamiaba* (1997), de Abguar Bastos, romance no qual a cidade de Belém marca o início da história do personagem principal, posteriormente, estabelecendo-se em Badajóz, local em que se desenrola a maior parte da narrativa. Nessa narrativa, percebe-se em algumas ocasiões a presença estrangeira, principalmente ligada à parte comercial. São personagens decorativas, que, de certa forma, contribuem e enriquecem as características do ambiente, tendo em vista que as cidades, neste caso a cidade de Belém, são “um símbolo da diversidade humana, espaço em que convivem massas de pessoas que não se conhecem mas se reconhecem ou mesmo se hostilizam” (Dalcastagnè, 2012, p. 66). Isso significa que tais personagens não só ajudam a compor o espaço em que se passa a narrativa, mas também dão vida à cidade, tornando-a mais próxima da realidade.

Além desse grupo de personagens, ditas decorativas, outro grupo de estrangeiros ganha destaque no romance, ocupando o papel de antagonistas da narrativa em questão, sendo eles um judeu, chamado Calazar, um árabe marroquino de nome Amar e um holandês expatriado, Lazaril. Assim, tomando esses personagens como referência, é possível analisar a presença estrangeira no romance, tendo em vista a maneira como ocorre essa representação. Para isso, serão traçados os perfis de tais personagens, segundo as categorias de personagens decorativos e antagonistas.

Neste sentido, o tópico a seguir apresenta um breve resumo do romance, descrevendo melhor as personagens que o compõe, enfatizando as que serão o principal objeto de estudo: Calazar, Amar e Lazaril. No tópico seguinte, será realizado o estudo referente à presença das personagens estrangeiras no romance de Bastos e, por fim, na última parte, as considerações finais, contendo as últimas constatações e resultados da pesquisa.

2 Terra de Icamiaba, um romance da Amazônia

Terra de Icamiaba (1997) foi o primeiro romance de Abguar Bastos, escritor paraense que, como afirma Sousa (2016, p. 17), foi “multifário, sendo romancista, poeta, folclorista,

ensaísta, crítico, sociólogo, historiador, teatrólogo, jornalista e tradutor [...] também professor, conferencista, administrador e político revolucionário". Segundo Sousa (2016), esse romance foi publicado inicialmente em 1932, com o título de *Amazônia que ninguém sabe*, mas quando republicado, em 1934, o título passou a ser *Terra de Icamiba* (Romance da Amazônia), constando na capa a grafia 2^a edição. Além disso, uma terceira edição foi publicada em 1997 pela Editora da Universidade do Amazonas, com atualizações ortográficas³.

Ainda que, após 1930, Bastos tenha residido em diferentes cidades do Brasil e passado temporadas em outros países, "nunca se desprendeu das suas entranhadas raízes amazônicas, o que se pode verificar no romance que produziu com esta temática, notadamente no mesmo período dos anos 30 do século XX" (Sousa, 2016, p. 18). O romance trata, portanto, de uma história sobre a Amazônia e as pessoas que a compõe, preocupando-se em apresentar aspectos da fauna, da flora e da cultura local, por meio da descrição do ambiente e das personagens que a integram.

Para alcançar esse efeito, o romance adota um narrador em terceira pessoa. Trata-se de um narrador heterodiegético, que não participa diretamente da ação, mas conduz o leitor na compreensão do ambiente, do tempo em que se desenrola a narrativa e das personagens que compõem a trama. Esse narrador revela amplo conhecimento das ações, pensamentos e sentimentos das personagens, de modo que "simula um registro contínuo focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e a materialização dos seres que a vivem" (Brait, 1985, p. 56). A partir dessa perspectiva, a narração sugere uma imagem do caboclo como ingênuo, alguém manipulável, enquanto alguns estrangeiros serão percebidos como oportunistas, cheios de maldade. O narrador descreve também diferentes concepções da Amazônia: a de repletas belezas e riquezas e a marcada por conflitos e exploração – muitas vezes não representadas na ficção –, o que remete ao primeiro título do romance dado pelo autor: *Amazônia que ninguém sabe*.

Nesse cenário conflituoso e exuberante, surge o protagonista do romance, Bepe, considerado "o gênio do lugar" (Bastos, 1997, p. 2). Respeitado por todos em Badajoz, ele é apresentado como um herói disciplinado, forte, corajoso e cumpridor de sua palavra. Seu pai, Lucas, havia deixado o Ceará, em busca de melhores condições de vida. Primeiro se estabeleceu em Belém, onde conheceu Carolina, que se tornaria sua esposa e mãe de Bepe. Após perder o emprego, tentou o comércio em Moju, mas não obteve sucesso: "já sem fé nos sucessos da vida nova cismava em voltar ao ninho de jandaias do seu Ceará despovoado. Porém, numa faixa de

³ Utiliza-se, neste estudo, a edição de *Terra de Icamiba*, publicada em 1997, pela Editora da Universidade do Amazonas, por se tratar da versão mais atualizada do romance.

terra úmida, sob árvores secas, a canoinha parou” (Bastos, 1997, p. 12). Ali, reanima-se com a exuberância da terra e, ao ouvir falar de Badajós como uma “terra [que] dava dinheiro” (Bastos, 1997, p. 13), decidiu estabelecer ali um novo lar.

Bepe, entretanto, não acompanhou a família. Permaneceu em Belém, a que chamava de “Cidade Grande”, enquanto estudava no Seminário. Apenas quando Lucas adoece é que o convoca e Bepe, então, parte para Badajós:

Bepe perde a sua glória: os estudos. Vem para Badajós. Ganhá uma segunda glória: paga as dívidas do pai. Porém a sua ética muda de proporção.

Um patriotismo de doença, amassado em ácidos, surge-lhe da índole embrionária: um novo tribunal de honra, onde a terra tem proeminências de juiz (Bastos, 1997, p. 36).

Bepe devota atenção a Badajóz e a seus habitantes, mas em alguns momentos demonstra repugnância para com alguns estrangeiros, vistos como oportunistas e espoliadores, algo que se justifica no decorrer da trama pelas atitudes de alguns deles, representados como exploradores da população local, no que tange ao comércio. Entre esses, estava Amar, um árabe marroquino que se apossou do seringal antes pertencente ao pai de Bepe. Amar conquistou a confiança de Lucas, enganou-o e tornou-se dono de suas terras. Ao perceber que perdera tudo por confiar em quem não deveria, Lucas adoeceu, definhando até a morte. O filho é chamado para ver o pai moribundo. Antes de falecer, Lucas conta a Bepe toda a história, aconselhando-o a não confiar em ninguém. Esse episódio aumentou mais ainda o ressentimento de Bepe sobre os que vinham de fora explorar a terra, sobretudo aqueles que, assim como Amar, se aproveitavam da ingenuidade dos habitantes locais.

A desconfiança rancorosa de Bepe em relação aos estrangeiros espoliadores intensifica-se após uma visita aos amigos lavradores e castanheiros: Julião, a esposa e três filhos, chamados na narrativa como “os Cosmes” (Bastos, 1997, p. 41). Durante o encontro, descobre que Julião, descrito como um homem incapaz de mentir, está sendo constantemente pressionado por um credor:

– Eu tenho um credor que me aborrece que me atarraxa, que me deixa sem fôlego. Foguinho que consome os pés e deixa uma fumaça, que arde nos olhos até a gente chorar sabe? É assim.
 – Quem é o teu credor?
 – Calazar (Bastos, 1997, p. 47).

Bepe não esconde a aflição ao descobrir que Julião devia ao judeu Calazar. O amigo explica que precisou viajar para tratar da saúde e, nesse período, Calazar se ofereceu para cuidar de seu negócio em Badajóz. Ao retornar, porém, encontrou-se afundado em dívidas e prejuízos. Calazar, o credor, “oferecera-lhe dinheiro, a dez por cento, com penhora agrícola. Julião, com

aquela ingenuidade que os seus anos não provavam, aceitara tudo. E nada. Fora-se a penhora. Hipotecara as terras” (Bastos, 1997, p. 48). Indignado, Bepe critica a ingenuidade do amigo e declara: “Calazar é um ladrão” (Bastos, 1997, p. 50). Oferece-se para ajudá-lo a enfrentar o credor, mas Julião não aceita. A conversa é interrompida pela chegada de Calazar, e não demora muito para que ele e Bepe discutam. Nesse momento, percebe-se a diferença entre os dois amigos: Bepe mostra coragem e espírito combativo, enfrentando o estrangeiro sem hesitar, enquanto Julião, dominado pelo medo, prefere recuar.

Nesses trechos, evidencia-se que o caboclo aparece, na narrativa, como excessivamente ingênuo, não inclinado a explorar, a mentir ou a enganar. Julião é um exemplo dessa caracterização: não reconhece as más intenções de Calazar, atribuindo sua irritação apenas à insistente cobrança do credor, e não ao fato de ter sido enganado. Essa ingenuidade contrasta com a perversidade de certos estrangeiros, como o judeu Calazar, que se apropriam dos bens alheios e exploram os mais frágeis sem qualquer remorso.

Essas representações não são casuais. A construção de um grupo como vítima e de outro como vilão reforça os papéis narrativos (antagonista e protagonista), remetendo a acontecimentos vivenciados na Amazônia. Nesse contexto, “o mito do estrangeiro na literatura contemporânea latino-americana aparece acoplado à definição de identidade nacional. Estrangeiro, o outro, é definido em oposição ao nacional, o mesmo” (Bernd, 2007, p. 250). O judeu Calazar é construído como o estrangeiro que ameaça a integridade econômica, moral e cultural do espaço amazônico. Em contraposição, o caboclo representa o sujeito nacional, caracterizado pela ingenuidade, o que reforça a negatividade projetada sobre o “outro”. Já a figura do vilão simboliza aqueles que, naquele período, valiam-se de posições sociais ou cargos de poder para explorar financeiramente os pequenos proprietários de terra.

Algum tempo depois, chega a Bepe a notícia de que Calazar havia penhorado os bens dos Cosmes. Nesse contexto, a terra aparece como um elemento gerador de conflitos, pois é ela que desperta a ganância do estrangeiro. Em razão dessa conduta, Calazar passa a ser visto como o inimigo de Bepe, assim como ocorreu com Amar. O narrador então observa: “Bepe é um centro de fatalidade. As vozes dos oprimidos chamam-no” (Bastos, 1997, p. 76). O protagonista pensar em fugir, mas logo desiste, assumindo a missão de ser a voz das vítimas:

O seu programa seria o programa do presente: acabar com as humilhações; impelir, para as fronteiras, o cosmopolitismo cerceador; expulsar os hipócritas, os egoístas, os que não perdoam dívidas vexatórias, os que não emprazam cobranças dolosas, os que se acocoram, sem vantagem, nos lotes de terras que a mão do indígena desbrava. Acabar com a colonização-polipeiro. Deixar na terra nua, convidativa e amiga, explodir a sinceridade biológica do animal e da planta (Bastos, 1997, p. 83).

Dessa maneira, Bepe representa na narrativa o papel de defensor dos oprimidos, configurando-se como herói. Pouco depois, recebe uma notícia que reacende sua determinação: descobre que seus castanhais estavam prestes a ser tomados por Lazaril, um holandês expatriado descrito como “pérfido” e “politicóide” (Bastos, 1997, p. 98). A informação sobre as riquezas da região chegara a Lazaril por intermédio de Amar. Ciente de que as terras não possuíam título definitivo, pois ainda não haviam sido demarcadas, Lazaril viu a oportunidade de se apropriar delas. Ele então anuncia aos trabalhadores de Bepe que o lugar teria em breve um novo dono. Bepe, no entanto, não desiste, resolve lutar por suas terras, vai em busca de justiça, na Vila, mas não recebe a ajuda que precisava, decidindo, então, resolver a seu modo.

Assim, a terra se apresenta como um dos elementos centrais na narrativa, pois é em torno dela que se estruturam os principais conflitos e as insatisfações do protagonista são geradas. A ambição dos estrangeiros em relação às terras acaba gerando esses embates. Inconformado com as injustiças, o protagonista inicia uma luta que vai além da posse de terras, configurando-se também como busca por justiça e liberdade. Com isso, essa disputa passa a ser também contra os que vem de fora e agem mal.

Vendo a injustiça que ocorria com Bepe e sabendo de como defendia o povo de Badajóz, muitos se uniram a ele, prometendo apoiá-lo, inclusive Telésforo, um político do partido opositor, que ofereceu seus homens, armas e apoio para Bepe. Assim, com a promessa de liberdade em relação aos que os oprimiam, traçam um plano e seguem-no.

Certa noite, em um confronto inicial, Bepe e seu grupo capturam Lazaril, Amar e Calazar, que estavam juntos na proposta de usurpar as terras de Bepe. Os três estrangeiros são levados para o castanhal, no meio da floresta. Ali, Bepe torna a natureza em uma arma inteligente para concretizar sua vingança. Quando os três malfeitores percebem, portanto, o lugar em que estavam, são tomados pelo medo e pelo desespero:

Não sab[iam] qual o fim que lhes reserv[av]am. Contudo, lembram-se inquietos e medrosos, de cadáveres encontrados à sombra dos castanhais. Lembram-se das narrações e sabem que eles tinham, quase sempre, as cabeças deformadas pelas pancadas dos ouriços (Bastos, 1997, p. 134).

Seria esse também o destino deles? Delumeau (2009, p. 31), em *História do medo no ocidente*, considera que o medo “é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos”, mas para os três malfeitores o medo não foi o suficiente para protegê-los. Na escuridão do lugar só podiam guiar-se pelo som, e o medo crescia a cada ouriço que caía ao chão. Tentaram fugir, mas não conseguiram: a floresta, somada à noite e à tempestade, transformava-se em um imenso labirinto, uma prisão sem saída. Ali, na situação em que se encontravam, a alternativa para

saírem do desespero era apenas uma: a morte. Dessa maneira, o primeiro a sucumbir foi Amar que, com “um gemido estrangula o ermo. E ao clarear dos relâmpagos, os companheiros veem o judeu rolar sobre a lama, como uma bola de trapos” (Bastos, 1997, p. 139). Em seguida, Calazar encontra o mesmo destino, restando apenas Lazaril, tomado pelo desejo de fugir, mas assumindo para si mesmo que sua hora se aproximava.

Seguindo uma análise ecocritica, tal qual propõe Greg Garrard (2006, p. 35), os três malfeiteiros representam aqueles que “demonstram pouca ou nenhuma consideração pelo meio ambiente não humano, exceto na medida em que ele possa ter um impacto na riqueza e no bem-estar humanos”, que, neste caso, se resumia ao próprio benefício. A terra, por meio das castanheiras, surge então como força vingadora contra explorações sofridas: “Ouriços maus! Castanheiras invencíveis! Árvores que ferem e não socorrem, matam e não desaparecem! Árvores que dão fruto e a sombra: o fruto é a pancada, a sombra é a morte” (Bastos, 1997, p. 142). Assim, morrem os três, castigados pelas injustiças cometidas durante a vida. Os malfeiteiros, que tanto trapaceavam para acumular terras, foram castigados justamente pela própria terra, sob enormes castanheiras. A floresta amazônica fez padecer os espoliadores estrangeiros.

Após a morte dos estrangeiros, Bepe e seus companheiros são perseguidos pelas autoridades locais. Decidem, em razão disso, partir em busca de um novo lar: uma “cidade-manoa” (Bastos, 1997, p. 148). Em *O reino das mulheres sem lei* (1937), Angelo Guido associa essa cidade mítica ao reino das Amazonas ou Icamiabas, as mulheres sem marido. Mulheres estas que, de acordo com Hernâni Donato (1973), teriam sido vistas na região do Amazonas por Francisco Orellana e, em razão do lugar onde as encontrou, chamou-as de amazonas. De mesmo modo, “quem primeiro afirma tê-las visto na planície do mesmo nome, foi Frei Gaspar de Carvajal, a 24-6-1531” (Donato, 1973, p. 30), que as descreveu como “muito alvas, e altas, com cabelo muito comprido, entrancado e enrolado” (Donato, 1973, p. 30). Essas mulheres guerreiras viviam sem maridos, e “quando lhes vinha o desejo, faziam guerra a um chefe vizinho, trazendo prisioneiros, que libertavam após algum tempo de coabitação. As crianças masculinas eram mortas e enviadas aos pais e as meninas criadas nas coisas da guerra” (Donato, 1973, p. 31).

A cidade de “Manoa del Dorado” (Guido, 1937, p. 16) é descrita como um lugar fabuloso e fantástico, procurada em vão por inúmeros aventureiros, que acreditavam encontrar por ali tesouros deixados pelas icamiabas. Não por acaso, Bepe declara a seus companheiros: “Nós vamos atrás do rastro das icamiabas. Arrancaremos as pedras dos caminhos e faremos as nossas casas” (Bastos, 1997, p. 153). Esse impulso de partir em busca de algo melhor remete

às motivações iniciais de Lucas, que deixara o Nordeste em busca de novas oportunidades. De modo similar, evoca processos históricos da Amazônia, sobretudo no auge do ciclo da borracha, quando a região amazônica era vista por muitos como um espaço de riquezas e promessas de prosperidade, um verdadeiro paraíso, associado no romance, à cidade-manhã.

Após longa caminhada, chegam à terra sonhada, “a utópica terra nova, do ponto de vista da irreabilidade da harmonia desejada, indicada pelo índio Columbu, e Bepe a reconhece como o local adequado, e a chama ‘Terra de Icamiaba’” (Sousa, 2016, p. 71-72). Essa nova terra é a concretização dos sonhos de um povo que aspirava viver com dignidade e justiça, livre de ameaças e trapaças de oportunistas como Amar, Calazar e Lazaril.

Surgem, ainda, alguns questionamentos sobre esses estrangeiros e o papel que desempenham em tal romance. Nesse sentido, o próximo tópico destina-se a responder essas questões.

3 Os personagens estrangeiros em *Terra de Icamiaba*

Entre as personagens, destacam-se dois grupos de estrangeiros: os que cumprem função decorativa e os que assumem o papel de antagonistas. Para Franco Junior (2009), as personagens são seres pelos quais a narrativa se movimenta, por meio de suas ações e/ou estados. Esse princípio leva a questionar a relevância desempenhada por personagens ditas decorativas, vistas como “inúteis à acção ou sem produzir qualquer significado particular” (Bourneuf; Ouellet, 1976, p. 211). No romance de Bastos, tais personagens surgem em momentos estratégicos, contribuindo para a caracterização do espaço narrativo, como se pode constatar no trecho abaixo:

Desde a madrugada começa o trânsito dos trabalhadores. Turcos ambulantes, teque-teque no punho, caixa às costas, conduzem fazendas e quinquilharias. Peixeiros lusitanos, com tabuleiros, e peixeiros nacionais, com carrinhos-de-mão, oferecem à freguesia o produto das pescas marítimas e lacustres. Italianos sapateiros trazem paus, sobre os ombros; nas extremidades crivam-se cabides curtos, onde oscilam sapatos, botas, chinelos, alpercatas, tamancos. Engravates, também italianos, nas esquinas, alçam, a tiracolo, as caixas de serviço. Espanhóis agricultores empurram carros com verduras e frutas. Funileiros obesos sacodem os telecos. Japoneses itinerantes percorrem as habitações e mostram brinquedos, cortinas, ventarolas com faixões estampados, cintos com inscrições, bengalas dos colégios de Tóquio. Russos soturnos compram ouro, prata e pedras preciosas. Francos belgas oferecem roupas feitas, de linho ou seda, tapetes, colchas, toalhas. Chins abrem as portas das tascas e engomam para os homens. Barbadianos britadores trabalham nas linhas dos bondes e barbadianas desnalgadas servem de amas ou vão aos Mercados com as cestas nos braços e os chapéus na cabeça pixaim (Bastos, 1997, p. 17-18).

Nesse trecho, vê-se a presença de vários estrangeiros, como japoneses, espanhóis, italianos, entre outros, que movimentam o comércio local e compõem uma paisagem marcada pela presença estrangeira em meio à Amazônia. Assim, o estrangeiro não surge como alheio ao espaço amazônico, mas como parte integrante dele. Ainda que tais personagens – os referenciados na longa citação acima apresentada – não influenciem diretamente a trama principal, sua função figurativa é relevante, pois, como afirmam Bourneuf e Ouellet (1976, p. 212), elas “acrescentam uma nota de cor local”, contribuindo para a formação da geografia humana do ambiente. Além disso, também contribuem na composição do espaço e período/tempo em que se passa a narrativa.

Transportando a análise para a realidade da Amazônia do século XIX, período em que o romance é ambientado, é importante considerar que cenários como o descrito acima eram comuns, não somente nesta “primeira Amazônia” (Batista, 1976), a das capitais, mas também na “terceira Amazônia” (Batista, 1976), formada por extrativistas, agricultores, garimpeiros, entre outros. Por isso, essas personagens estrangeiras ilustram uma realidade da Amazônia, tendo em vista que “o domínio mercantil, basicamente exercido primeiro pelos judeus e, mais tarde, também pelos árabes e adiante pelos japoneses, estabeleceu uma rede informal de proteção social” (Veltman, 2005, p. 36). Percebe-se a inserção desses imigrantes na Amazônia por meio de profissões e práticas novas, trazidas do estrangeiro, que, embora não fossem fundamentais à vida regional tradicional, ajudaram a compor a diversidade econômica e social do período.

Outra personagem estrangeira presente na trama é Florencia, avó materna de Bepe, uma paraguaia que chegou à Amazônia acompanhando seu companheiro, José Basto, avô de Bepe, oficial do exército. Sobre ela, o narrador apenas registra que era “tímida, de corpo inquietante. Uma Florência pálida e esquisita” (Bastos, 1997, p. 11). Sua presença é breve, já que é apenas citada no texto, funcionando sobretudo como referência à ascendência de Bepe.

Entende-se, então, que a personagem decorativa, geralmente apenas mencionada no texto, é, conforme definida por Bourneuf e Ouellet (1976), compreendida como sem importância para a ação principal. No romance, percebe-se essa relação: as personagens decorativas, contribuem para ilustrar, compor e complementar o espaço da narrativa, dando vida ao local. No caso de muitos estrangeiros, tais personagens ilustram aspectos sociais e culturais da Amazônia.

Considerando agora a segunda classificação, a dos personagens antagonistas, destacam-se três figuras centrais: Amar, Calazar e Lazaril. Cada um deles exerce um papel importante na narrativa, ainda que de forma distinta. Como observa Brait (1985, p. 11), caso se queira saber

algo sobre as personagens, deve-se “encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a ‘vida’ desses seres de ficção”. Assim, compreender o papel desses antagonistas exige também analisar o contexto e a forma como foram apresentados.

Desde o início, o narrador apresenta o estrangeiro como alguém que explora e se aproveita das pessoas ao seu redor, caracterizando-o como trapaceiro e mau exemplo para o caboclo, os homens da terra, conforme mostra o trecho a seguir: “O caboclo aprendeu a ser fraudulento e armou-se, daí por diante, com as astúcias que o estrangeiro lhe ensinou” (Bastos, 1997, p. 34). Além disso, o texto menciona os regatões, descritos como “velhos répteis, mudados, por sinistros condões, em barcos errantes” (Bastos, 1997, p. 34), figuras pelas quais Bepe nutre ódio declarado. Sobre essa temática, de acordo com Samuel Benchimol (2009, p. 319):

Os regatões judeus, como comerciantes ambulantes, ajudaram a romper o monopólio português-nordestino (aviador e seringalista), pois vendiam as suas mercadorias mais baratas e compravam os produtos diretamente dos seringueiros a preços mais altos”.

Essa prática os colocava em conflito com o poder dominante, que “reclamavam a concorrência desleal dos regatões judeus no interior de toda a região” (Benchimol, 2009, p. 319). A situação promovia uma crença errônea a respeito dos estrangeiros, em especial os judeus, que passaram a ser vistos como aproveitadores e trapaceiros, perpetuando “a tradição que associou o judeu ao lucro, à agiotagem, à maldade e à perversão” (Conde-Silva, 2019, p. 3).

Tal estereótipo se prolonga também nas narrativas literárias, nas quais os estrangeiros judeus “são continuadamente feitos bodes expiatórios, “outros outros” que precisam não apenas ser invisibilizados – ou que recebam uma visibilidade débil, mas extermínados, porque maléficos à sociedade” (Conde, 2024, p. 8). Essa concepção parece ser retomada por Bastos em *Terra de Icamiba*. Nesse sentido, é perceptível na forma como Bepe se refere aos estrangeiros, tratando-os como inimigos e trapaceiros. O mesmo se verifica em algumas falas do narrador, como no seguinte trecho: “os [estrangeiros] que formam a maioria sobressaem na singularidade dos seus atos. Mordem os afagos. Entolham o progresso. São gananciosos, traíçoeiros, desconfiados. Para iludir, sorriem” (Bastos, 1997, p. 35). Nota-se, conforme entendemos, que nessa passagem não há generalização absoluta, uma vez que o narrador se refere à “maioria” e não a todos os estrangeiros.

Sobre a figura do estrangeiro, Zilá Bernd (2007, p. 249) afirma que “a construção da identidade cultural dos países latino-americanos foi engendrada sob o olhar estrangeiro”. Essa representação, entretanto, se modifica ao longo do tempo. Em um primeiro momento, é o próprio estrangeiro quem escreve, descrevendo as belezas que encontra e o exotismo dos povos originários. Depois, essa função passa ao nativo letrado, que, embora escreva de dentro, ainda reproduz padrões herdados de fora. Nesse estágio, os estrangeiros passam a ser representados nos textos literários pelo olhar do nativo, enquanto o “outro” descrito, continua sendo o próprio povo local. Num estágio seguinte, com o fortalecimento da nacionalidade e a valorização do autóctone, “o estrangeiro entra na literatura representando agora o ‘outro’” (Bernd, 2007, p. 250). Trata-se, porém, de um “outro” ainda valorizado, visto como portador de benefícios e inovações às pessoas da terra. Apenas com o movimento modernista, a literatura nacional ganha maior autonomia, sobretudo a partir da ideia de antropofagia, “uma forma de incorporar o outro, dando-lhe novos significados e papéis” (Bernd, 2007, p. 250), sendo o outro, neste caso, o estrangeiro, assim, o elemento nacional é incorporado a ele, ressignificando-o, atribuindo-lhe novos papéis no processo de construção cultural.

Marco Valério Lima Reis (2022) afirma que *Terra de Icamiana* materializa uma proposta estética do Modernismo brasileiro a partir da Amazônia, configurando-se como peça fundamental do chamado Modernismo Amazônico. Bastos explora a tensão modernista: de um lado, o estrangeiro aparece como vilão e explorador; de outro, sua presença é incorporada na própria construção simbólica da identidade amazônica.

Desse modo, o estrangeiro também pode estar incorporado ao nacional, o que provoca conflitos identitários representados na literatura. Em *Terra de Icamiana*, essa ambivalência identitária aparece de forma explícita no discurso do narrador, que problematiza a influência estrangeira na formação cultural brasileira: “a imitação é sintoma de raça inferior e tudo, em nós, é uma cópia” (Bastos, 1997, p. 87). Essa observação mostra não só a dependência de modelos externos, mas também a ideia de que a identidade local estaria sujeita ao estrangeiro.

Nesse trecho, vê-se outra vez o incômodo em relação aos estrangeiros que chegam à Amazônia em busca de prosperidade: “o brasileiro é insubstituível. No entanto, todos os dias, os navios despejam nos portos nacionais matilhas de forasteiros. Não trazem vintém. Vêm fiados nos patrícios – hífen cosmopolita que une na terra verde as suas ambições” (Bastos, 1997, p. 86). Ao adotar a perspectiva de pertencimento ao território amazônico, o narrador conclui afirmando que tudo no nacional é cópia do estrangeiro, associando a identidade local à influência constante dos “forasteiros”.

No romance, “a violência contra os estrangeiros ocorre estritamente sobre aqueles que se apropriam ilegalmente das riquezas da Amazônia ou praticam injustiças contra o caboclo e os outros nativos da floresta” (Sousa, 2016, p. 49), como é o caso dos três regatões: Amar, Calazar e Lazaril. O narrador, contudo, também reconhece que “alguns [estrangeiros] são bons e têm franquezas sinceras. Os bons são poucos e arranjam família no Brasil” (Bastos, 1937, p. 42). Nesse sentido, Odenildo Sousa (2016, p. 64) afirma que no romance de Bastos:

Não há xenofobia, mas sim a aplicação de recursos retóricos por meio de cenas que simbolizam os interesses estrangeiros na região e a denúncia de espoliação e exploração levadas a efeito por coronéis sobre os pequenos proprietários da comunidade do Badajós.

O termo xenofobia refere-se à uma “aversão ou rejeição a pessoas ou coisas estrangeiras”, e também um “temor ou antipatia pelo que é incomum ou estranho ao seu ambiente” (Xenofobia, 2025). Considerando esse conceito, comprehende-se que a narrativa *Terra de Icamiba* apresenta, em diversos momentos, um teor xenofóbico voltado não a todo grupo estrangeiro, mas àqueles que são expoliadores da terra e de suas gentes. Esse traço se manifesta tanto no olhar do narrador sobre o estrangeiro explorador, quanto na postura do protagonista, marcada pela antipatia que devota em relação àqueles que oprimem e se aproveitam da população local. No entanto, essa representação não deve ser compreendida como uma xenofobia absoluta, mas como uma técnica persuasiva que busca convencer “o leitor a aderir a determinadas ideias, como a de valorização da cultura regional dentro de uma nova visão estética e política, por meio de uma narrativa de forte apelo emocional” (Sousa, 2016, p. 64). Dessa forma, a construção da imagem do estrangeiro na obra funciona mais como estratégia persuasiva do que como negação integral da alteridade. E é nesse mesmo movimento que o caboclo aparece, por vezes, como excessivamente ingênuo.

Amar, Calazar e Lazaril simbolizam as forças de exploração que marcam a narrativa, pois cada um deles, à sua maneira, atenta contra os mais frágeis. São esses abusos que despertam em Bepe a postura de resistência: diante da perda das terras do pai, da ruína dos Cosmes e das ameaças constantes em Badajoz, ele assume o papel de defensor dos oprimidos. Sua coragem o coloca em confronto direto com os exploradores, transformando-o em herói combatente, cuja luta se torna também a luta coletiva do povo. Não por acaso, após os primeiros embates, os habitantes passam a enxergá-lo como esperança de um novo futuro. Nesse sentido, os antagonistas não apenas estruturam o conflito da narrativa, mas funcionam como catalisadores da afirmação heroica de Bepe frente à exploração e às injustiças.

4 Considerações finais

No romance *Terra de Icamiaba* (1977), de Abguar Bastos, os estrangeiros aparecem em duas categorias. A primeira é a das personagens decorativas, que, embora não interfiram diretamente no enredo, ajudam a compor a geografia humana da Amazônia e a reforçar a verossimilhança, sobretudo no comércio, marcado pela presença de italianos, japoneses, franceses e outros grupos de imigrantes. Na segunda categoria, os estrangeiros aparecem como figuras sem escrúpulos, exploradores da terra e da população local. Essa visão é aplicada pelo narrador de modo generalizado. Em relação ao protagonista, Bepe, esse olhar mais específico volta-se para os três antagonistas: Amar, Calazar e Lazaril, cujas ações despertam antipatia. Assim, *Terra de Icamiaba* apresenta uma denúncia de práticas de espoliação e exploração semelhantes às que marcavam a Amazônia do período, como se vê nas experiências de Julião e Lucas.

A terra é elemento central na narrativa: dela nascem os conflitos e as lutas de Bepe, e é também por meio dela que os antagonistas são castigados, em resposta às injustiças que cometem. Ao mesmo tempo, esse elemento conduz o protagonista e seus companheiros a buscarem novos territórios, já que a revolução os coloca sob perseguição das autoridades locais. A fuga, porém, resulta na descoberta de um lugar que lhes garante a estabilidade e a tranquilidade almejadas, a terra de Icamiabas.

Referências

BASTOS, Abguar. *Terra de Icamiaba*: romance da Amazônia. 3. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia*: análise do processo de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

BERND, Zilá. *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/ Editora da Universidade, 2007.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia*: Formação social e cultural. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.

BRAIT, Beth. *A personagem*. Série Princípios. Editora Ática, 1985.

- CONDE, Alessandra. A Amazônia judaica na literatura. *Revista Ecos*. Cárceres, v. 37, n. 2, p. 4-27, set. 2024. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/12497/8969>. Acesso em: 3 jan. 2025.
- CONDE-SILVA, Alessandra F. Iconografia do judeu na Amazônia. *Hispanista: Revista Electronica de los Hispanistas de Brasil* (Edição em português). V. XX, p. 10-11, 2019. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/627.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2025.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.
- DONATO, Hernâni. *Dicionário das mitologias americanas*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. Ed. Mariná: Eduem 2009. p. 33-58.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- GUIDO, Angelo. *O reino das mulheres sem lei*. Porto Alegre: Globo, 1937.
- HELLER, Reginaldo. *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- REIS, Marcos Valério Lima. Terra de Icamiaba de Abguar Bastos e a fundação do romance amazônico. *Projeto História*. São Paulo, v. 79. p. 128-153, Jan-Abr., 2022. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/file:///C:/Users/Angelica/Downloads/5362-Texto%20do%20artigo-179135-1-10-20220430.pdf>. Acesso em: 06 set. 2025.
- SOUZA, Odenildo Queiroz de. *Abguar Bastos e “Terra de Icamiaba”, romance da Amazônia: uma educação para a brasilidade*. 2016. 114 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2016.
- SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos na Amazônia*. Março/2005 – Disponível em: https://www.comiteisraelitadoamapa.com.br/sc/upload/files/Os_Hebraicos_da_Amazonia.pdf. Acesso em: 6 dez. 2024.
- XENOFOBIA. In: MICHAELIS. [S.l.]: Editora Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/xenofobia/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

Recebido: 27/09/2025

Aprovado: 05/11/2025

Publicado: 27/12/2025